

PÉGASO NO IMAGINÁRIO DE CORINTO ARCAICA*

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima**

Resumo: O artigo tem como objetivo mapear as representações de cavalos em dois artefatos confeccionados pelos artesãos domiciliados no Istmo de Corinto. A representação de Pégaso nas moedas merece maior destaque, pois remete ao mito de Belerofonte, ao herói “pátrio” e identitário da pólis. Assim, as ideias de movimento, agilidade e pertencimento ao território do Istmo estão presentes no imaginário coríntio acerca dos equinos.

Palavras-chave: Corinto; Pégaso; cavalos; representações; movimento.

PEGASUS IN ARCHAIC CORINTHIAN IMAGINATION

Abstract: The article aims to map the representations of horses in two artifacts made by artisans domiciled in the Isthmus of Corinth. The representation of Pegasus on the coins deserves greater prominence as it refers to the myth of Bellerophon – the identitary hero of the “fatherland” and the polis. Therefore, the ideas of movement, agility and belonging to the Isthmus’ territory are present in the Corinthian imagination concerning equines.

Keywords: Corinth, Pegasus, horses, representations, movement.

Há alguns anos nos dedicamos ao estudo da cerâmica coríntia do período arcaico, nos VII e VI séculos a.C., abarcando os estilos protocoríntio e coríntio, bastante apreciados e consumidos tanto no Mediterrâneo Oriental quanto no Ocidental, em virtude das oficinas do “Bairro dos Oleiros”, situado na *ásty* de Corinto, criarem uma linguagem pictórica própria composta por signos, alguns destes assimilados do Oriente próximo. Essa assimilação dialógica, conhecida como “fenômeno orientalizante”, proporcionou

* Recebido em: 22/08/2021 e aprovado em: 30/09/2021.

** Professor associado de História Antiga do Instituto de História (IHT) e do Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisador do Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (Nereida). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5293-7311>. E-mail: alexcarneiroclima@yahoo.com.br, Home: <https://www.historia.uff.br/nereidalab/ceramica/>.

a representação de signos animalescos, de monstros e de seres fantásticos. O nosso interesse consiste em decodificar os ícones gravados nos frisos e bordas dos vasos, explicitando o “espaço do fabuloso” (LIMA, 2015).

Em um ícone que expressa o “fabuloso” é o cavalo alado Pégaso. As representações desse ser fabuloso, na região do Istmo, estavam intrinsecamente relacionadas com as de Belerofonte, herói de caráter identitário na região, portanto, um imaginário que pode ser identificado nos versos de poetas, relatos de viajantes, em signos elaborados por pintores, escultores e gravadores (AGHION, 2008, p. 225).

A profusão de relatos míticos, dedicados às duas entidades sobrenaturais, nos obriga a selecionar as histórias que focaram justamente o encontro deles e a jornada de trabalhos que o cavalo e o herói coríntio realizaram juntos. Dessa forma partimos do momento em que Belerofonte toma Pégaso como seu cavalo na Fonte Peirene, na *ásty* de Corinto.

Belerofonte pertencia à casa real de Corinto, filho de Poseidon – lado divino –, ou de Glauco – “pai humano” –, este último filho de Sísifo, fundador dos jogos ístmicos, portanto avô de Belerofonte (GRIMAL, 2005, p. 59, 360 e 422). A mãe de Belerofonte poderia ser chamada tanto de Eurimedéia quanto de Burínome, filha de um rei de Mégara, conhecido pelo nome de Niso. A extensa trajetória de nosso herói, pautada por vários “trabalhos”, assemelha-se bastante às façanhas realizadas por Hércules. Aliás, os dois possuem o mesmo perfil: heróis “civilizatórios”. Em vários de seus “trabalhos”, eles fizeram empreitadas que marcaram a passagem de um estágio de “selvageria” para o de “cultura”. E o encontro de Belerofonte com o cavalo alado expressa bem esse aspecto civilizatório: ajudado por *Athená Khalinitis*, “do freio”, o herói subjuga Pégaso, o doma e nele põe arreios/freios.¹ De acordo com o relato de Pausânias, havia, na estrada para Sicyone, um santuário dedicado à deusa [*Athená Khalinitis*] (PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*, II, 4, 1). Atená, filha de Zeus com Métis, exerceu a astúcia e inteligência prática com o objetivo de domesticar o cavalo selvagem.² Belerofonte, da mesma maneira que outros heróis gregos, era socorrido pelas divindades e necessitava exercer sua *métis* – astúcia – para conseguir sair vitorioso em suas empreitadas.

O geógrafo Estrabão comentou que Pégaso nasceu do sangue do peçoço de Medusa, decapitada por Perseu (ESTRABÃO. *Geografia*, VIII, 6, 21). O equino era, simultaneamente, filho de Poseidon e de Gorgó. O seu nome possui relação etimológica com o vocábulo fonte – $\pi\eta\eta\eta$.³ A

origem da Fonte Hipocrene, no Monte Helicon, é atribuída ao ato de Pégaso bater com o seu casco na montanha e dela brotar água. Essa relação entre o cavalo e as “águas” é acentuada no seu encontro com Belerofonte. A Fonte Peirene encontrava-se numa espacialidade cultural importante na *ásty* de Corinto: o sopé da Acrocorinto, local onde Pégaso bebia água que vinha da colina e foi domado pelo herói coríntio. De acordo com o viajante Pausânias (*Descrição da Grécia*, II, 2, 3.), Peirene era filha de Aqueloo e de Ébalo. Percebe-se, dessa maneira, a sacralidade que envolvia tanto os personagens quanto o local do seu encontro.

Ióbates, rei da Lícia, a mando de seu genro, rei Preto de Tirinto, pede a Belerofonte que aniquile o monstro Quimera. Este ser híbrido assolava a região, roubando os rebanhos. Montado em Pégaso, Belerofonte matou-o, “confiado nos acentos celestes” (HOMERO. *Iliada*, VI, v. 183).

O episódio da caçada a esse monstro foi representado na cerâmica coríntia, em vários vasos, desde o estilo protocoríntio de pintura. Escolhemos o *aryballos* do Museum of Fine Arts, Boston, de cerca de 660 a.C., e interpretamos duas cenas de caça: no friso inferior, cães caçam uma lebre; e no principal, Quimera está sendo atacada por Belerofonte montado em Pégaso (SCHMITT, 1966, p. 342). Destacamos a ideia de movimento nas duas cenas, por meio do traço das patas dos cães e de Pégaso. Além disso, fica patente signos que expressam ferocidade e selvageria, a saber: a boca leonina aberta do monstro soltando fogo; o hibridismo do corpo de Quimera;⁴ e os personagens principais estarem ladeados por duas esfinges. E há um curioso e inusitado animal representado entre Quimera e o herói montado em Pégaso: um réptil, o lagarto. Qual seria então o sintagma dessa cena?

Figura 1 - Confronto entre Belerofonte montado em Pégaso e Quimera



Aryballos protocoríntio, c. 660 a.C., Boston, MFA, 95.10.

(*LIMC*, VII, 2, fig. 213).

De acordo com Jeffrey Hurwitt, o lagarto é um signo de perigo iminente, de desastre, na imagética do período arcaico.⁵ A figuração do réptil, em um contexto de *agôn*, aproxima-se da de outras entidades sobrenaturais, como Gorgó e esfinges. Na cena, então, monstros e animais fabulosos participam da narrativa pictórica que expressa o confronto entre o herói coríntio e o ser híbrido. A vitória de Belerofonte só foi possível graças à ajuda de Pégaso. Portanto, o pintor representou, nesse vaso, a disputa – *agon* – entre animais, monstros e seres divinos. A noção de “*espaço do fabuloso*” pode nos ajudar a decodificar as mensagens dos artesãos do Istmo. Animais, heróis e monstros estão mesclados em frisos e cenas, mas não deixam de expressar ideias, códigos e mensagens. O “*fabuloso*” permitiria, assim, aflorar as noções de *agôn* (disputa/competição), de *andreia* (coragem/virilidade), de aguçar a *métis*, a criatividade e o contato com o *Outro*, o “selvagem”, o “diferente”. Dessa maneira, interpretamos que o pintor evidenciou o confronto entre Quimera e Belerofonte/Pégaso em uma atmosfera saturada de signos relacionados ao “*fabuloso*”.

A representação de Pégaso, na imagem acima, sugere movimento e o ato de voar; tais signos foram bastante difundidos e adaptados em moedas. Durante a tirania dos Cypselidas, provavelmente no governo de Periandro, foram cunhadas as primeiras moedas coríntias, baseadas, provavelmente, em uma narrativa pictórica similar à dos pintores de vasos. As trocas entre oficinas de artesanato, no período arcaico, proporcionavam a circulação de signos, “modelos” e padrões imagéticos (CROISSANT, 2010). A representação do cavalo alado em pleno voo e o movimento das patas, sugerindo o galope, foram bastante difundidos nas oficinas do Istmo.

A seguir, apresentamos uma moeda coríntia, cunhada por volta de 584-550 a.C. Em seu anverso, o cavalo alado encontra-se “voando” com a letra arcaica “*coppa*” – inicial do nome de Corinto – entre suas patas; no reverso, a cruz gamada gravada. Os traços de Pégaso expressam agilidade e são reforçados pela cruz gamada, signo que denota mudança e movimento.

Figura 2 - Pégaso



Estater de prata, Corinto, c. 584-550 a.C.
(GIACOSA, tav. II, 1973, p. 12).

Como dissemos, em vários vasos e artefatos, a figura do cavalo encontra-se galopando, expressando, portanto, a ideia de movimento e de leveza. Os artesãos, da mesma forma que poetas e pensadores gregos, prestaram atenção aos movimentos dos equinos e transmitiram a mensagem da “transformação”. Belerofonte só pôde ser vitorioso e passar de um trabalho/estágio de sua trajetória para outro graças à ajuda do cavalo alado. Lembremos que seu nome estava relacionado à fonte e foi domado justamente em uma, Peirenne, na *ásty* de Corinto. Rios e fontes d’água transmitem a ideia de movimento e de passagem. O sábio Heráclito de Éfeso ensinou que “Para os que entrarem nos mesmos rios, outras e outras são as

águas que por eles correm (...)” (HERÁCLITO DE ÉFESO, *fr.* 214; KIRK, 1994, p. 202). A “imagem” do rio sublinhava que todas as coisas estão em movimento: “tudo está num perpétuo fluir como um rio”.

O cavalo era um animal domesticado, servia como meio de locomoção e pertencia à esfera dos *aristoi* no período arcaico. Teógnis de Mégara e Sólon de Atenas indicam o cavalo,⁶ entre outros bens listados, como parte da riqueza de um próspero *oikos*. E a *pólis* de Corinto, desde os Baquíades, criava cavalos de raça e valorizava a prática da equitação (BLAINEAU, 2015, p. 93). O mito de Belerofonte com seu cavalo alado ratificava, no imaginário coríntio, as atividades de equitação e caça, tão apreciadas e difundidas na *pólis*, além de reafirmar a identidade do grupo dos *aristoi* na região do Istmo.

Documentação escrita

- HÉSIODE. *Théogonie*. Trad. Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- HOMERO. *Iliada*. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Ars, 2002. v. I e II.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*. Books I and II. Trad. W. H. S. Jones. London: Harvard University Press, 1992.
- PINDARE. *Olympiques*. Trad. Aimé Puech. Paris: Les Belles Lettres, 1999.
- SOLON. *Eunomia*. In: LÍRICOS GRIEGOS. *Elegiacos y Yambógrafos Arcaicos*. Edição bilingue (grego - espanhol). Trad. Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990. v. I y II.
- STRABON. *Géographie*. Trad. Raoul Baladié. Paris: Les Belles Lettres, 1978. t. V.
- THÉOGNIS. *Poèmes Élégiques*. Trad. Jean Carrière. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

Iconografia

Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae. VII, 2. Zürich, 1994.

Referências bibliográficas

- AGHION, I.; BARBILLON, C.; LISSARRAGUE, Fr. *Héros et Dieux de l'Antiquité: guide iconographique*. Paris: Flamarion, 2008.
- BLAINEAU, A. *Le Cheval de Guerre en Grèce Ancienne*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015.

- CALAME, Cl. Bellérophon, le passage à l'âge adulte et la pragmatique du récit homérique. In: *Qu'est-ce que la mythologie grecque?* Paris: Gallimard, 2015.
- CROISSANT, F. Pour une Relecture Archéologique du 'Phénomène Orientalisant'. In: ÉTIENNE, R. (org.). *La Méditerranée au VII^e Siècle av. J.-C.*: Essais d'Analyses Archéologiques. Paris: De Boccard, 2010.
- DETIENNE, M.; VERNANT, J.-P. *Métis*: as astúcias da inteligência. São Paulo: Odysseus, 2008.
- FRONTISI-CUCROUX, Fr. Chimère contre Pégase. In: OTTINGER, D. (org.). *Chimères*. Monaco: Actes Sud, 2006.
- GIACOSA, G. *Uomo e cavallo sulla moneta greca*. Milano: Edizione Arte e Moneta, 1973.
- GRIMAL, P. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- HURWIT, J. Lizards. Lions and the Uncanny in Early Greek Art. *Hesperia*, v. 75, n. 1, p. 121-136, jan.-mar. 2006.
- KIRK, G.S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.
- LIMA, A. C. C. O "espaço do fabuloso" e a representação de animais na cerâmica coríntia no século VII a.C. *Tempo*, Niterói, v. 21, n. 38, 2015.
- NADAL, E. Poséidon Hippios, les Cheveux et les Cavaliers à travers la Céramique. In: *Les Équidés dans le Monde Méditerranéen Antique*. Actes du colloque organisé par L'École Française d'Athènes, 2005.
- SCHMITT, M. L. Bellerophon and the Chimaera in Archaic Greek Art. *American Journal of Archaeology*, v. 70, n. 4, p. 341-347, 1966.

Notas

¹ O poeta Píndaro (*Olimpicas*, XIII, 80) denomina a deusa como *Athená Equestre (Hípia)*.

² De acordo com Marcel Detienne e Jean-Pierre Vernant (2008, p. 167), Atená em Corinto poderia exercer a *métis* no âmbito equestre: "De todos os lugares onde uma Atena "hípica" recebe um culto em comum com o Posídon do cavalo, Corinto é, talvez, senão o mais importante, ao menos o mais singular".

³ Na *Teogonia* (vv. 282-283), o poeta Hesíodo canta: "Este chamou-se assim porque nasceu junto às águas do Oceano". Claude Calame (2015, p. 117) salienta o fato de Pégaso nascer *pará pegás*: "junto às fontes (do Oceano)".

⁴ “Quimera imbatível, de inumana, divina estirpe: cara, leão; rabo, serpente; dorso, caprino, resfolgo hórrido, de furor e fogo” (HOMERO. *Iliada*, VI, v. 179-182; FRONTISI-CUCROUX, 2006, p. 21).

⁵ A caça entre pássaros e répteis pode servir de comparação entre o *agôn* do cavalo alado e Quimera, ou seja, o pássaro está para Pégaso, assim como o réptil para o monstro. Da mesma forma que Quimera, o lagarto tem sua morte iminente (HURWIT, 2006, p. 123).

⁶ “A riqueza é igual em possuir muito ouro e prata, terras ricas em trigo, cavalos e mulas (...) favores de jovens e de mulheres (...)” (TEÓGNIS. *Poemas Elegíacos*, I, 719-725). Em outra passagem, Teógnis (*Poemas Elegíacos*, II, 1250-1255) reitera: “Felizes aqueles que possuem jovens rapazes, cavalos, cães de caça e hóspedes estrangeiros”. Sólon de Atenas (*Eunomia*, 13) segue esse mesmo raciocínio: “Feliz o que possui filhos queridos, cavalos de casco sem ferida, cães de caça e hóspedes”. E em outro passo, o legislador de Atenas canta: “Igual riqueza tem aquele que possui muita prata, ouro, campo de terra fértil, cavalos e mulas” (SÓLON. *Eunomia*, 14).